

GRUPO DE ESTUDO - O REMÉDIO DA PRECE

ROTEIRO

- A. CONCEITO DE PRECE/REFLEXÕES A RESPEITO DA PRECE (Q. 659 LE)
- B. MARTINS PERALVA E A PRECE
- C. A CLASSIFICAÇÃO DA PRECE SEGUNDO MARTINS PERALVA
- D. PRECE COLETIVA – EVANGELHO CAP XXVII e CAPÍTULO 03 de NOSSO LAR
- E. ESPÍRITO E MATÉRIA (Q. 21/28)
- F. PROPRIEDADES DA MATÉRIA (Q. 29/34 a)
- G. ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS (Q. 76/83)
- H. PERISPÍRITO (Q. 93/95) (TERAPIA PELOS PASSES/MANOEL P MIRANDA)
- I. CONSIDERAÇÕES DE OUTROS AUTORES A RESPEITO DO PERISPÍRITO
- J. REENCARNAÇÃO – MOLÉCULA A MALÉCULA
- K. REPETE CONCEITO DE PRECE
- L. BENEFÍCIOS DA PRECE
- M. LEI DE ADORAÇÃO (Q. 649/673)
- N. JESUS E A PRECE
- O. FLUÍDO CÓSMICO UNIVERSAL - COMO A PRECE ATUA NO ORGANISMO
- P. DEFINIÇÃO DE MÉDIUNS CURADORES
- Q. KARDEC E OS MÉDIUNS CURADORES (LM 175/176)
- R. PRECE E AS REUNIÕES MEDIUNICAS (ANDRÉ LUIZ NO LIVRO DESOBSessão)
- S. CAPÍTULO XXVII DO ESE
- T. CAPÍTULO XXVIII DO ESSE
- U. PRECE PELOS MORTOS – O CÉU E O INFERNO/2ª PARTE AUGUST MICHEL

01 – CONCEITO DE PRECE

A palavra **prece** vem do latim *prex.precis* e significa: rogar, pedir, suplicar, implorar, etc

Seguem abaixo, conceitos de prece segundo a Doutrina Espírita:

a) A prece é um ato de adoração, que necessita de 03 elementos básicos para existir: o **Ser Inferior**, o **Pensamento** (Cap. XXVII ESE) e o **Ser Superior**.

Assim, a prece acontece quando o **Ser Inferior**, através do **Pensamento**, se comunica com o **Ser Superior**.

SER SUPERIOR

↑ (pensamento)

SER INFERIOR

A prece alcança resultados mais significativos, na medida em que o **Ser Inferior** vai compreendendo a distância o separa do **Ser Superior**, pois a compreensão dessa distância revela o grau de humildade daquele que ora.

b) LE - 659. Qual o caráter geral da prece?

A prece é um ato de adoração. Fazer preces a Deus é pensar nele, aproximar-se dele, pôr-se em comunicação com ele. Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer.

c) De acordo com André Luís, o cérebro pode ser considerado como potente emissor e receptor de ondas mentais, ao mesmo tempo. **A prece é um pensamento criado pela vontade**. Assim, as ondas eletromagnéticas do pensamento, carregadas das **ideo-emoções** (idéias e emoções) do Espírito, constituem o que se denomina fluido magnético, que é plasma fluídico vivo, de elevado poder de ação.

d) A prece é uma invocação, mediante a qual o ser humano entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige.

e) A prece é a maneira pela qual, através do pensamento expresso ou não em palavras, a criatura se liga ao Criador.

f) É o meio de comunicação com Deus e com o plano espiritual superior.

g) História - ZERO - ZERO NO CHÃO, TELEFONE NA MÃO.

h) É uma conversa com Deus e pode ser representada por um pedido, um agradecimento ou o reconhecimento da bondade divina.

- Geralmente, usamos a prece para pedir. No entanto, nem sempre o que nos parece necessário é o que realmente convém à nossa felicidade.
- Inútil pedir ao Senhor abreviar as nossas provas, nos dar alegrias ou riquezas.
- Peçamos, antes, os bens mais preciosos da paciência, da compreensão, da resignação e da fé.
- **Prece de pedido**: é a que fazemos para rogar auxílio em favor de alguém ou de nós próprios. Exemplo: podemos pedir paciência, tolerância para passarmos por uma dificuldade com mais tranquilidade.

- **Prece de agradecimento:** é a que fazemos para agradecer uma ajuda recebida, um objetivo atingido, por ter nos livrado de um perigo, por termos recebido uma graça, etc.
- **Prece de louvor:** é aquela através da qual demonstramos o nosso reconhecimento a Deus por Sua grandeza e obra, demonstramos também a nossa humildade perante o Criador.
- Através da prece sincera nos ligamos aos espíritos superiores, que, sondando a nossa vontade e boa intenção, nos vêm em socorro, dando-nos a força moral necessária para superar os problema, ou retomar o caminho reto, se dele porventura nos desviamos.

02 – MARTINS PERALVA E A PRECE

A PRECE segundo o estudioso e escrito espírita Martins Peralva, na sua famosa obra “Estudando a Mediunidade”, é:

- Um apelo (um chamado) que nos liga instantaneamente ao mudo espiritual.
- Essa ligação provocada pela prece obedece aos critérios da afinidade, da sintonia.

Notem que Martins Peralva **não** diz que a prece nos liga diretamente a Deus ou aos bons espíritos, como normalmente se escuta.

- Ele diz, simplesmente que a prece nos liga instantaneamente ao mudo espiritual.
- Ou seja, pela prece nos ligamos com aqueles com quem nos afinizamos.

03 – A CLASSIFICAÇÃO DA PRECE SEGUNDO MARTINS PERALVA

a) PRECE VERTICAL

É aquela em que a pessoa que reza, consegue exprimir sentimentos elevados, dotados de fé e humildade.

- Como é **movida por sentimentos nobres**, esse tipo de prece **se projeta na direção vertical dos mundos superiores, ela sobe**, como se diz popularmente.
- Esse tipo de prece vence a atmosfera pesada da terra e é escutada pelos espíritos superiores.

- Existe aqui uma afinidade nobre, entre aquele reza e aquele que escuta a prece.

O CEGO DE JERICÓ

Conta Lucas em seu Evangelho, uma das mais belas histórias a respeito dos ensinamentos evangélicos:

- Nessa passagem, Lucas narra a história da cura do Cego de Jericó.
- Perto de uma cidade chamada Jericó existia um homem cego, chamado **Bartimeu**, que costumava andar pelas ruas pedindo esmolas.
- Naturalmente era muito pobre e pouca ajuda recebia dos transeuntes.
- Certamente ele pensava como deveria ser maravilhoso ver a mundo, ver as pessoas e poder sair da escuridão em que se encontrava.
- Um dia, quando Jesus passava por Jericó, o cego ouviu falar da presença do Mestre e começou a gritar o mais alto que podia: **“Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim”**
- Como era cego, naturalmente ele raciocinou que gritar era a única chance que teria de ser percebido por Jesus.
- Como ele **gritava muito alto** e seguidamente, os demais moradores de Jericó se irritaram e pediram que ele se calasse.
- Mas Bartimeu, plenamente sintonizado com o Cristo, continuava gritando, **“Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim”**.
- Jesus **escuta o apelo** de Bartimeu e aproximando-se dele, interroga-o com amor: *“Que queres que te faça?”*
- **E diante daquele Mestre em que ele depositava tanta fé, ele responde:** *“Senhor, me faça enxergar”*.
- E Jesus, **acolhendo o apelo de Bartimeu**, o curou.

Jericó era uma das cidades dominada pelo império Romano e os romanos eram tão organizados, que até seus mendigos eram cadastrados.

Para poder pedir esmola, era preciso uma autorização legal muito disputada à época, **uma espécie de selo das autoridades romanas**, caso contrário, o pedinte vivia na clandestinidade.

Bartimeu tinha esse selo, que ficava estampado numa capa que ele carregava nas costas.

Quando Bartimeu se dá conta da presença do Mestre e começa a gritar pela cura, **sua sintonia com Jesus foi tão grande**, que ele larga a capa que se constituía no seu bem maior, para se entregar totalmente ao domínio do Mestre.

Pode-se dizer que Bartimeu foi curado pela sua fé, mas é inegável que o gatilho que detonou esse momento de cura, foi a sintonia (Pensamento) do cego (Ser Inferior) com Jesus (ser Superior).

Quando Bartimeu pede a Jesus que o faça enxergar, ele demonstra claramente, que via o Mestre como alguém que detinha um poder muito maior do que todos os outros.

Na sua súplica, Bartimeu reconhece a distância evolutiva que o separa de Jesus, o que revela sua humildade perante o Mestre.

Assim, a prece de Bartimeu ganhou as alturas e foi escutada pelo espírito mais elevado que já habitou nosso planeta.

b) PRECE HORIZONTAL

É a prece dita de forma maquinal, sem fé.

- A pessoa que reza pede coisas vulgares, desejos materiais e mundanos.
- Esse tipo de prece não tem força suficiente para se projetar verticalmente, ou seja, ela não “sobe”.
- Não “sobe” por que não encontra sintonia com os espíritos superiores.
- O apelo de quem reza, encontra sintonia com espíritos ainda ligados aos problemas terrenos.
- Esse tipo de prece transita na mesma faixa (horizontal) de vibração em que nos encontramos.

CONSELHO DO ESPÍRITO V. MONOD

Diz o espírito V. Monod, no item 22 do capítulo XXVII de O Evangelho, que:

“A vossa prece deve conter o pedido das graças de que necessitais, mas de que necessitais em realidade”.

“Inútil, portanto, pedir ao Senhor que vos abrevie as provas, que vos dê alegrias e riquezas.

Rogai-lhe que vos conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé”.

c) INVOCAÇÃO DESCENDENTE

A invocação ou apelo descendente, segundo Peralva, é aquele que “desce”.

- Sim, o apelo pode descer ao invés de subir.
- Diz **Martins Peralva**, que a esse apelo, **ele não dá o nome de prece, mas sim invocação**, conforme aconselha o Ministro **Clarêncio na obra de André Luiz, “Entre o Céu e a Terra”**.
- A invocação descendente se caracteriza por pedidos inadequados, expressando desespero, ódio, raiva, rancor, desejos de vingança, ambições, crimes, etc.
- Essa orientação do Ministro Clarêncio se justifica, pois o apelo de quem invoca, decorre de um desejo desequilibrado.
- Na invocação descendente, a criatura ao invés de sintonizar-se com os bons espíritos, sintoniza-se com entidades de baixo teor vibratório.

A IMPORTÂNCIA DE SE CONHECER A PRECE

Como se percebe, o apelo que lançamos ao mundo espiritual **é respondido por aqueles com quem nossas vibrações se afinizarem.**

Conhecer os mecanismos que controlam esse intercâmbio de afinidade entre o mundo material e espiritual é de vital importância para que nossas preces alcancem sempre a melhor resposta e se desviem do desequilíbrio a que todos estamos sujeitos.

04 – A PRECE EM COMUM OU COLETIVA

No item 15 do Capítulo XXVII de O Evangelho Segundo o Espiritismo, Kardec ensina que:

“O poder da prece está no pensamento, e não depende nem das palavras, nem do lugar, nem do momento em que é feita. Pode-se, pois, orar em qualquer

hora, **a sós ou em conjunto**. A influência do lugar ou do tempo depende das circunstâncias que possam favorecer o recolhimento. **A prece em comum (coletiva) tem ação mais poderosa, quando todos os que a fazem se associam de coração num mesmo pensamento e têm a mesma finalidade, porque então é como se muitos clamassem juntos e em uníssono.** Mas que importaria estarem reunidos em grande número, se cada qual agisse isoladamente e por sua própria conta? Cem pessoas reunidas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, ligadas por uma aspiração comum, orarão como verdadeiros irmãos em Deus, e sua prece terá mais força do que a daquelas cem”.

CAPÍTULO 03 DO LIVRO NOSSO LAR - “A ORAÇÃO COLETIVA”

Embora transportado à maneira de ferido comum, lobriguei o quadro confortante que se desdobrava à minha vista. Clarêncio, que se apoiava num cajado de substância luminosa, deteve-se à frente de grande porta encravada em altos muros, cobertos de trepadeiras floridas e graciosas. Tateando um ponto da muralha, fez-se longa abertura, através da qual penetramos, silenciosos. Branda claridade inundava ali todas as coisas.

Ao longe, gracioso foco de luz dava a ideia de um pôr do sol em tardes primaveris. A medida que avançávamos, conseguia identificar preciosas construções, situadas em extensos jardins. Ao sinal de Clarêncio, os condutores depuseram, devagarinho, a maca improvisada.

A meus olhos surgiu, então, a porta acolhedora de alvo edifício, à feição de grande hospital terreno. Dois jovens, envergando túnicas de níveo linho, acorreram pressurosos ao chamado de meu benfeitor, e quando me acomodavam num leito de emergência, para me conduzirem cuidadosamente ao interior, ouvi o generoso ancião recomendar, carinhoso: – Guardem nosso tutelado no pavilhão da direita. Esperam agora por mim.

Amanhã cedo voltarei a vê-lo. Enderecei-lhe um olhar de gratidão, ao mesmo tempo em que era conduzido a confortável aposento de amplas proporções, ricamente mobilhado, onde me ofereceram leito acolhedor. Envolvendo os dois enfermeiros na vibração do meu reconhecimento, esforcei-me por lhes dirigir a palavra, conseguindo dizer por fim: – Amigos, por quem sois, explicai-me em que novo mundo me encontro...

De que estrela me vem, agora, esta luz confortadora e brilhante? Um deles afagou-me a fronte, como se fora conhecido pessoal de longo tempo e acentuou: – Estamos nas esferas espirituais vizinhas da Terra, e o Sol que nos ilumina neste momento é o mesmo que nos vivificava o corpo físico. Aqui, entretanto, nossa percepção visual é muito mais rica.

A estrela que o Senhor acendeu para os nossos trabalhos terrestres é mais preciosa e bela do que a supomos quando no círculo carnal. Nosso Sol é a divina matriz da vida e a claridade que irradia provém do Autor da Criação. Meu ego, como que absorvido em onda de infinito respeito, fixou a luz branda que invadia o quarto, através das janelas, e perdi-me no curso de profundas cogitações.

Recordei, então, que nunca fixara o Sol, nos dias terrestres, meditando na imensurável bondade d'Aquele que no-lo concede para o caminho eterno da vida. Semelhava-me assim ao cego venturoso, que abre os olhos para a Natureza sublime, depois de longos séculos de escuridão. A essa altura, serviram-me caldo reconfortante, seguido de água muito fresca, que me pareceu portadora de fluidos divinos.

Aquela reduzida porção de líquido reanimava-me inesperadamente. Não saberia dizer que espécie de sopa era aquela; se alimentação sedativa, se remédio salutar. Novas energias amparavam-me a alma, profundas comoções vibravam-me no espírito. Minha maior emoção, todavia, reservava-se para instantes depois.

Mal não saíra da consoladora surpresa, divina melodia penetrou quarto adentro, parecendo suave colmeia de sons a caminho das esferas superiores. Aquelas notas de maravilhosa harmonia atravessavam-me o coração. Ante meu olhar indagador, o enfermeiro, que permanecia ao lado, esclareceu, bondoso: – É chegado o crepúsculo em “Nosso Lar”.

Em todos os núcleos desta colônia de trabalho, consagrada ao Cristo, há ligação direta com as preces da Governadoria. E enquanto a música embalsamava o ambiente, despediu-se, atencioso: – Agora, fique em paz. Voltarei logo após a oração. Empolgou-me ansiedade súbita. – Não poderei acompanhar-vos? – perguntei, suplicante. – Está ainda fraco – esclareceu, gentil –, todavia, caso sintasse disposto... Aquela melodia renovava-me as energias profundas. Levantei-me vencendo dificuldades e agarrei-me ao braço fraternal que se me estendia. Seguindo vacilante, cheguei a enorme salão, onde numerosa assembléia meditava em silêncio, profundamente recolhida.

Da abóbada cheia de claridade brilhante, pendiam delicadas e flóreas guirlandas, que vinham do teto à base, formando radiosos símbolos de Espiritualidade Superior. Ninguém parecia dar conta da minha presença, ao passo que mal dissimulava eu a surpresa inexecidível. Todos os circunstantes, atentos, pareciam aguardar alguma coisa.

Contendo a custo numerosas indagações que me esfervilhavam na mente, notei que ao fundo, em tela gigantesca, desenhava-se prodigioso quadro de luz quase feérica. Obedecendo a processos adiantados de televisão, surgiu o cenário de templo maravilhoso. Sentado em lugar de destaque, um ancião coroado de luz fixava o Alto,

em atitude de prece, envergando alva túnica de irradiações resplandecentes. Em plano inferior, setenta e duas figuras pareciam acompanhá-lo em respeitoso silêncio. Altamente surpreso, reparei Clarêncio participando da assembléia, entre os que cercavam o velhinho refulgente.

Apertei o braço do enfermeiro amigo e, compreendendo ele que minhas perguntas não se fariam esperar, esclareceu em voz baixa, que mais se assemelhava a leve sopro: – Conserve-se tranquilo. Todas as residências e instituições de “Nosso Lar” estão orando com o Governador, através da audição e visão a distância.

Louvemos o Coração Invisível do Céu. Mal terminara a explicação, as setenta e duas figuras começaram a cantar harmonioso hino, repleto de indefinível beleza. A fisionomia de Clarêncio, no círculo dos veneráveis companheiros, figurou-se-me tocada de mais intensa luz.

O cântico celeste constituía-se de notas angelicais, de sublimado reconhecimento. Pairavam no recinto misteriosas vibrações de paz e de alegria e, quando as notas argentinas fizeram delicioso staccato, desenhou-se ao longe, em plano elevado, um coração maravilhosamente azul¹, com estrias douradas. Cariciosa música, em seguida, respondia aos louvores, procedente talvez de esferas distantes.

Foi aí que abundante chuva de flores azuis se derramou sobre nós; mas, se fixávamos os miosótis celestiais, não conseguíamos detê-los nas mãos. As corolas minúsculas desfaziam-se de leve, ao tocar-nos a fronte, experimentando eu, por minha vez, singular renovação de energias ao contato das pétalas fluídicas que me balsamizavam o coração.

Terminada a sublime oração, regressei ao aposento de enfermo, amparado pelo amigo que me atendia de perto. Entretanto, não era mais o doente grave de horas antes. A primeira prece coletiva, em “Nosso Lar”, operara em mim completa transformação. Conforto inesperado envolvia-me a alma. Pela primeira vez, depois de anos consecutivos de sofrimento, o pobre coração, saudoso e atormentado, à maneira de cálice muito tempo vazio, enchera-se de novo das gotas generosas do licor da esperança.